

## **Apresentação: diferentes perspectivas sobre identidades e cultura**

*Rafael José dos Santos\**  
*Ruben George Oliven\*\**

DESDE O ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XX, a questão das identidades culturais em suas diversas modalidades – de gênero, étnico-raciais, nacionais e regionais, entre outras –, vem ganhando cada vez mais espaço nos debates acadêmicos, sendo objeto de diferentes abordagens disciplinares e interdisciplinares.

A intensificação dos contatos interculturais, constitutivos do processo de mundialização da cultura, desafia a reflexão acerca das diferenças e das identidades emergentes de relações de alteridade complexas e multifacetadas. Essa complexidade faz com que a problemática escape dos domínios disciplinares fechados. As identidades culturais constituem matéria de ficção e poesia, produzem-se e reproduzem-se nos usos da língua e da cultura vivida cotidianamente.

E esses foram os pressupostos que orientaram a ideia do “Dossiê Identidades”, cuja primeira parte a revista ANTARES publica neste número nove.

---

\* Editor convidado. Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP, 2003). Mestre em Antropologia Social (UNICAMP, 1992) e bacharel em Ciências Sociais, modalidade Antropologia (UNICAMP, 1986). Membro do GT em História da Literatura da ANPOLL. Docente no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade e no Doutorado em Letras (Associação ampla UCS/UniRitter),

\*\* Editor convidado. Doutor pela Universidade de Londres. É professor titular no Departamento de Antropologia da UFRGS. Lecionou em várias universidades estrangeiras, entre elas a Universidade de Londres, a Universidade de Paris, a Universidade de Leiden e a Universidade da Califórnia. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (2000-2002) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (2006-2008). É membro titular da Academia Brasileira de Ciências.

Os onze artigos iniciais, conforme o leitor poderá observar, demonstram a amplitude do tema e do leque possível de abordagens.

O dossiê abre com o trabalho de Nilda Jacks, que analisa algumas imbricações existentes entre três esferas de formações culturais (comunicação, cultura e identidade), tomando como objeto as relações empíricas entre o campo da comunicação e da cultura gaúcha e argumentando que as identidades culturais já não podem ser pensadas fora do âmbito midiático.

Questões relativas a representações de identidades sul-americanas são tratadas nos artigos de Jenny González Muñoz, Milton Hernán Bentancor e Antonio Paoliello. A primeira examina a figura do “llanero” venezuelano e do gaúcho brasileiro, assinalando que eles são representações do passado realizadas no presente. O segundo analisa as características que organizariam a identidade gaúcha, a partir dos contos “Rodriguez” do escritor uruguaio Francisco “Paco” Espínola, e “El muerto”, do argentino Jorge Luis Borges. Bentancor defende a ideia de que não se pode falar isoladamente de uma identidade uruguaia ou argentina, o que impossibilita deixar de lado o Rio Grande do Sul. Já o trabalho de Antonio Paoliello traz uma contribuição significativa para um tema pouco conhecido entre nós, a população imigrante e os descendentes sino-peruanos, através da análise do livro de contos *El tramo final (The Final Stretch)*, de Siu Kam Wen, um autor transcultural que, nascido na China, residiu no Peru e vive hoje no Havaí, mas que se define um escritor peruano.

Na sequência do dossiê, Stélio Toquato Lima discute o indianismo e a questão da identidade nacional no livro *A lágrima de um Caeté*, escrito em 1849 por Nísia Floresta, e que faz um retrato pungente da Revolução Praieira (1848-1850), última rebelião de caráter separatista do Segundo Reinado que teve lugar em Pernambuco. O autor mostra como a obra literária evidencia o problemático contexto de nossa identidade nacional na primeira metade do século XIX.

Ceres Karam Brum, por sua vez, pesquisa – a partir de uma análise documental, trabalhos de campo de cunho etnográfico e entrevistas – a Maison du Brésil na Cité Universitaire, refletindo sobre as significações de um território brasileiro em Paris, espaço em que há uma circulação internacional de estudantes e

pesquisadores brasileiros. Seu estudo mostra como algumas significações de brasilidade e de afirmação regional são utilizadas como suporte para as crises de identidade vivenciadas por membros de uma suposta elite brasileira em Paris.

Ainda na senda etnográfica, Joveverson Domingues Evangelista aborda as questões de identidade, estigma e “invisibilidade” de moradores da região do Morro da Cruz, Porto Alegre. Já a identidade indígena em um contexto urbano é trabalhada por Diego Soares da Silveira, a partir da etnografia junto a agricultores indígenas que vendem seus produtos em uma feira, em São Gabriel da Cachoeira, AM. O tema da identidade feminina também está presente no Dossiê, com o artigo de Jéssika Aline Lima Paulino e Linduarte Pereira Rodrigues, que toma como materialidade as tiras de *Mafalda*, interpretando-as com o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso.

Susana Gastal, por sua vez, discute o papel da Festa de São João do Porto, Portugal, no que diz respeito à identidade local, recorrendo à história da cidade e da Festa, aliando observações diretas e depoimentos. A partir de um diálogo com as concepções de identidade de Manuel Castells, a autora interpreta uma relação dialógica entre os significados da Festa e a cidade do Porto.

Finalmente, encerrando a primeira parte do Dossiê, o artigo de Genesco Alves de Sousa e Ricardo Oliveira de Freitas aborda o trabalho do fotógrafo brasileiro Eustáquio Neves (1955), interpretando sua produção como elemento constituinte da identidade afro-brasileira.

Na Seção Geral, temos a contribuição de Josiane dos Santos Lima e Kátia Menezes de Sousa, que abordam, recorrendo a Michel Foucault e à Análise de Discurso, a divulgação científica na mídia em suas implicações com a construção discursiva do *corpo*. Já Wagner Corsino Enedino e Bruna Franco Neto trazem uma reflexão acerca do papel do intelectual sul-mato-grossense, recorrendo à análise da obra dramaturgica de Cristina Mato Grosso.

As poesias do norte-irlandês Seamus Heaney e do caribenho Derek Walcott, ambos ganhadores do Nobel, são objeto do artigo de Viviane Carvalho, interpretados pela autora como representativos do Late Style (ou estilo tardio) em

poesia. A Irlanda reaparece, outra vez, no artigo de Caroline Moreira Eufrausino, que analisa criativamente contos da escritora Anne Enright.

Este número de ANTARES (Letras e Humanidades) oferece ao leitor, portanto, uma diversidade de temas, objetos e modos de abordagem que constituem uma paixão comum: o estudo da cultura.

Boa leitura!